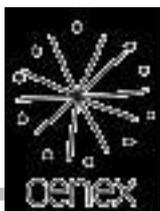


Pós:

5

Revista do Programa
de Pós-graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da UFMG



©2013, Programa de Pós-graduação em Artes (EBA/UFMG).

Todos os direitos reservados, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores., estando as normas técnicas de acordo com as referências de seus países.

Eugênio Paccelli da Silva Horta apresenta fotografias de sua autoria, exceto a primeira fotografia da página 185, cuja autoria é de Mauricio Leonard. A primeira fotografia da página 184 é um registro de trabalho de Eugênio feito pelo MASC - Museu de Arte de Santa Catarina. Os direitos autorais pertencem ao fotógrafo, que é desconhecido.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG, MG, Brasil)

Pós [recurso eletrônico] : Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. – Vol. 3, n. 5 (maio 2013)- . – Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2013-

A partir de 2011 também em meio eletrônico.
Modo de acesso: Internet.
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
ISSN 1982-9507. ISSN eletrônico 2238-2046

1. Artes – Periódicos. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 700
CDU: 7

Redação

Programa de Pós-graduação em Artes/EBA/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha
31270-901 Belo Horizonte – MG
Tel: (31) 3409-5260
e-mail: pos@eba.ufmg.br

Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes – EBA/UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor: Clélio Campolina Diniz

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Ricardo Santiago Gomes

Escola de Belas Artes

Diretora: Maria Beatriz Mendonça

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes: Maurílio Rocha Andrade

Editora-Chefe: Yacy-Ara Froner Gonçalves

Editores

Juliana Gouthier Macedo

Lucia Gouvêa Pimentel

Mônica Medeiros Ribeiro

Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa

Beatrice Picon-Vallin

Claus Clüver

Cuauhtémoc Medina

Guillermo Aymerich

Heitor Capuzzo

Luiz Antônio Cruz Souza

Maria Beatriz Medeiros

Narayan Khalander

Sandra Rey

Silvia Fernandes da Silva Telesi

Teresa Eça

Vibeke Sorensen

Comitê Editorial

Ana Lúcia Andrade

Lucia Gouvêa Pimentel

Mariana de Lima e Muniz

Maurílio Rocha Andrade

Patrícia Franca-Huchet

Yacy-Ara Froner

Ficha Catalográfica: Luciana de Oliveira Matos Cunha

Projeto Gráfico: Núcleo de Produção em Artes Gráficas

Capa: Henrique Nunes Teixeira

Fotografia da capa: Eugênio Paccelli Horta

Desenho fotografado da capa: Clarkson Alexandre da Silva

Diagramação: Adriana Pessoa e Ana Paula Garcia

Editoração de imagens: Eugênio Paccelli Horta

Editoração eletrônica: Virgílio Vasconcelos

<http://www.eba.ufmg.br/revistapos>

revistapos@eba.ufmg.br

Apoio: Pró-Reitoria de Pós-graduação, por meio do convênio CAPES/UFMG/PROF

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Artes, à Diretoria da Escola de Belas Artes, ao Centro de Extensão da Escola de Belas Artes (CENEX/EBA), à Pró-Reitoria de Pós-graduação da UFMG, à CAPES e à FAPEMIG pelo apoio recebido.

Editorial

Esta revista começou a ser articulada no final de 2009, como um registro das importantes discussões materializadas em Belo Horizonte, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), durante o grande fórum de discussões instaurado por ocasião do Congresso Latino Americano e Caribenho de Arte/Educação, promovido pelo Conselho Latinoamericano de Educação pela Arte (CLEA), junto às representantes da América Latina e do Caribe na International Society of Education through Art (InSEA). O evento aconteceu simultaneamente ao 19º Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil, promovido pela Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB), e ao Encontro Nacional de Arte/Educação, Cultura e Cidadania, uma realização conjunta do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (MINC), sob a coordenação da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Ou seja, reuniu muita gente com as mais diversas abordagens sobre o ensino-aprendizagem de arte.

A aceleração do tempo contemporâneo muitas vezes atropela e deixa para trás questões e discussões que nos desafiam, dia após dia, ano após ano. Nos textos há alguns assuntos ou aspectos que necessitam leitura contextualizada no tempo-espço de sua feitura e também como importantes registros. Os deslocamentos no tempo, seja ele concreto ou abstrato, são exercícios que muitas vezes deixamos de fazer, inseridos numa perversa escassez de intervalos para decantar, rever, reavaliar e retomar. Com o pé no acelerador não é possível perceber a paisagem, muito menos suas preciosas sutilezas. A ideia não é pisar no freio, mas cuidar para

não perder o(s) fio(s) da(s) meada(s). No plural porque não segue um único caminho, tão pouco é linear. A intenção é a de que não se permita diluir vários dos aspectos relevantes e contribuições que o tal tempo corrido ofusca, deixando escamoteadas questões e desafios que persistem e que acabam por voltar à tona. Ou seja, transfiguram-se ou são remodelados frente à demanda, já institucionalizada, por novidades que, muitas vezes, apenas fragilizam o re-conhecimento da história recente como processo urgente.

Se muitas ideias mudam e outras tantas avançam, há várias que reaparecem num moto contínuo como lançamentos de mercado, um esquema que vem incomodando muito os meios acadêmicos. Dois exemplos recentes - relacionados ao ensino/aprendizagem de arte - nos ajudam a pensar sobre essas questões, quando as ideias não se alinhavam com a história – com suas necessárias tensões e contradições. Uma recente discussão sobre os rumos da arte/educação na América Latina se difunde na rede como um caminho inédito a ser percorrido. Ops! Esqueceram de que há caminhos percorridos numa história recente. Ana Mae Barbosa, como sempre, não se furta de questionar, antes que se construam novos memoriais estéreis – isolados da uma história viva ‘almagamada’. Barbosa se lembra de uma forte integração de artista e educadores latino americanos construída nos anos de 1920 e 1930 e interceptada pela ditadura do Estado Novo. E, foi justamente no final de outro período de governos militares – quando ‘começávamos a nos ver livres das ditaduras, forças autoritárias’ que nasceu o CLEA, organizado em 1984, como um caminho de diálogo e integração latino americana.

Assim, vale lembrar que esta revista é fruto de um encontro desse mesmo CLEA, que, entre suas ações, promove a realização de congressos e encontros, estimulando e ampliando – formalmente - uma conversa entre artistas, professores, pesquisadores latinos americanos. Nos vários dos artigos e registros desta publicação, de presentificação de permeabilidades e impermeabilidades de uma arte/educação com importantes diferenças, estão evidentes questões comuns, políticas e históricas dessa proximidade ainda apagada. Um apagamento estratégico que tem nos impedido de pensar a partir da nossa grande condição comum: a colonização, travestida recentemente como início da era da globalização.

O outro exemplo a que nos referimos tem a ver não só com o afã por novidades, a sucessão de ideias ultrapassadas por similares com vocabulário – ou outra coisa qualquer – renovado, como também pela nossa marca colonial. Na importação acrítica, chega para nós, como lançamento de mercado, como novidade, uma interseção entre arte, pesquisa e educação. Estão pensando nisso no ‘primeiro mundo’. Mas, vale aqui lembrar que esse discurso foi uma das importantes bases de construção e discussão do Congresso do CLEA, uma vez que essa interseção já vem se consolidando há anos em nossa escola. Assim, entre os desafios que se explicita na edição desta revista e na prática cotidiana está o de, em momento algum, abrir mão dessa proposição, que se delinea, há duas décadas na Licenciatura em Artes Visuais de Escola de Belas Artes da UFMG: não há como separar professores-artistas-pesquisadores.

Ainda seguindo a metodologia de organização do encontro de 2009, esta publicação traz provocações que emergiram no Congresso, mas também enredou (no sentido figurado do termo) convidados extras, ampliando a roda de conversa, incorporando o inglês ao espanhol e ao português. Como aconteceu naquela época, continuamos aqui a buscar mediações provocativas para alimentar o necessário debate, aceitando interseções para que a rede seja de diálogos em diferentes línguas e rumos, aberto e, fundamentalmente, democrática.

Portanto, traçamos rotas temáticas para configurar a cartografia do ensino de Arte que aqui se presentifica. Iniciamos com a seção Ações na qual Salomón Azar, Dora Águila e Bernardo Bustamante abordam o conceito, objetivos, funções, histórico, resoluções, contribuições e atualizações do CLEA.

A segunda seção apresenta Caminhos, compreendidos aqui como possibilidades de efetivação de estratégias pedagógicas. Rejane Coutinho traz a pesquisa para a formação de arte/educadores. Fernando Miranda enfatiza a necessidade do trabalho interdisciplinar nas artes visuais numa perspectiva de renovação do ensino. Mônica Romero, também interessada em novos caminhos para o ensino de Arte, trata de uma experiência curricular no âmbito das artes cênicas. Andréa Giráldez revê os usos das tecnologias de informação e comunicação na sala de aula de Arte. Tereza Eça advoga pela presença da multiculturalidade e transdisciplinaridade na interface entre cultura e educação, e Ramon Cabrera propõe pensamento-ações acerca da formação do arte/educador.

Em Registros, Ana Mae Barbosa e Amanda Paccotti, por meio de seus textos, trazem à tona sujeitos que reverberam na atualidade do ensino de Arte como Best Mougard, José Vasconcelos e Alfredo Ramos Martinez, da Escuelas al Aire do México, a peruana Elena Izcue, o brasileiro Theodoro Braga, e as argentinas Cossettini.

Interrompemos as reflexões aqui expostas com a seção Deslocamentos que traz um presente prenhe de futuro. Edward C. Warburton põe a dança na cena do ensino de Arte desta revista ao problematizar a noção de *embodiment*. Dipti Desai questiona sobre os desafios que a globalização coloca ao multiculturalismo pós-moderno na arte/educação.

Como eixo conceitual, perpassa por todas as rotas um capítulo de imagens de autoria de Eugenio Paccelli. Com esses capítulos emancipamos a imagem e lhe outorgamos paridade de espaço refutando a hegemonia das letras. Essa iniciativa nos parece possível por consideramos que a compreensão não se dá unicamente pela via racional, podendo ocorrer por outros modos de afecção, ao modo de Espinosa, provocando sentires que geram movimentos em direção ao mundo.

A cartografia aqui apresentada não foi resultado de uma ação de mapeamento intencional por parte dos organizadores deste número. Constituiu-se no tempo-espaço ao longo de cinco anos de ler e reler, de atualizar, de buscar novos convívios, de propor rotas temáticas. Portanto trata-se de resultado de um exercício de invenção. Assim, esperamos que os traçados em forma de letra, de imagem desenhada, fotografada, possam reverberar pensamentos associados a ações.

Considerando que o borramento espaço-temporal caracteriza as discussões postas neste volume, propomos uma aproximação a questões que ultrapassam fronteiras. Brasil, Colômbia, Uruguai, Chile, Argentina, Portugal, Espanha e Estados Unidos fornecem problemas de pesquisa em/sobre arte que colaboram com o compartilhamento da experiência em ensino de Arte aqui proposta.

JULIANA GOUTHIER MACEDO

LÚCIA GOUVÊA PIMENTAL

MÔNICA MEDEIROS RIBEIRO

Editores

Escola de Belas Artes/UFMG

Ações